



Mídia e discursividade. O concerto polifônico das fronteiras brasileiras¹

Ada Cristina Machado da Silveira²

Aliandra Raquel L. Barlete³

Leandro Stevens⁴

Lindamir e. Adamczuk⁵

Micheli Seibt⁶

Resumo

O artigo sintetiza resultados de um estudo aprofundado sobre as propriedades discursivas das terras de fronteira do Brasil Meridional. A malha de comunicação aí construída tem por objetivo fixar a identidade cultural e suas características se concentram em: articular a relação local-internacional e manifestar seu caráter polifônico. O concerto de suas vozes expressa a autonomia, independência e pluralidade de mundos insurgentes nos espaços fronteiriços que se debatem frente à autoridade de vários estados-nação.

Palavras-chave

Mídia – discurso – identidade – terras de fronteira – comunicação

Introdução

*Lo que me hace ser yo, y no otro,
es ese estar en la frontera entre dos países.*

Amin Maalouf, *Identities Asesinas*, 1999.

Ao colocar em debate a vigência do projeto da Modernidade no Brasil nação, indagamos como foi possível nele construir a idéia de fronteira, especialmente na discursividade midiática. Após a independência de Portugal, a construção da

¹ Trabalho apresentado no II Colóquio Brasil X Argentina. Projeto financiado pela FAPERGS, FIPE-UFSM e CNPq.

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona e professora do Departamento de Ciências da Comunicação. Coordenadora da Especialização e Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da mesma universidade. A investigação foi financiada pela FAPERGS e CNPq. *e-mail*: adamach@ccsh.ufsm.br

³ Relações Públicas formada pela UFSM, foi bolsista PIBIC-CNPq no projeto Terras de Fronteira. Mestranda pelo Programa Erasmus da Comunidade Européia em Comunicação Internacional.

⁴ Acadêmico de Publicidade e propaganda da UFSM, foi bolsista PIBIC-CNPq no projeto Terras de Fronteira e realiza intercâmbio em Londres-RU.

⁵ Relações Públicas e Historiadora formada pela UFSM, foi bolsista BIC-FAPERGS no projeto Terras de Fronteira.

⁶ Jornalista formada pela UFSM, foi bolsista PROBIC-FAPERGS no projeto Terras de Fronteira.



nacionalidade e as relações com sua correspondente oposição - situada além de suas fronteiras, desempenhou uma função mítica capaz de atualizar conteúdos, reorganizando o mundo simbólico para os brasileiros.

Se eventos como comemorações, efemérides, datas alusivas a episódios considerados notáveis permitem refundar, atualizar identidades, enquanto símbolos do poder do Estado eles concedem resplendor a sua existência. Sua celebração por via da repercussão midiática alcança projetar o alinhamento das forças civis, militares e eclesiásticas em relação aos agentes estatais. Apesar disso, ou em paralelo a tal, os habitantes dos territórios de fronteira, ao mesmo tempo em que são membros de instituições políticas, constroem redes de relações informais que competem com o Estado. Embora muitas das atividades que engajam as redes informais e grupos da sociedade civil de vínculo débil possam parecer que, à primeira vista, não detêm função política ou não tenham as políticas de Estado em consideração, sem dúvida, muitas delas as têm, ou quando agem ilegalmente e burlam normas ou se aproveitam dos vazios de poder que o Estado usualmente experimenta nos territórios de fronteira. Os símbolos do poder sejam estatais ou de outras instituições, atingem assim uma grande variedade, atacando a própria concepção de Estado através da relativização de sentido de representações tomadas tacitamente em outros contextos, como a de “pátria” ou de “identidade nacional”. As divergências quanto a tais concepções também são objeto da dimensão polifônica, pois ela pode referir-se tanto ao espaço territorial concreto, quanto à impressionante abstração que um moderno Estado-nação de dimensões continentais como o Brasil representa.

A atividade midiática nas sociedades de fronteira rompe com a perspectiva segura e contemplativa que as metrópoles litorâneas pretendem estender ao amplo interior continental brasileiro, detendo um potencial capaz de demonstrar quão equivocado se está ao atribuir-se uma condição de mero aglomerado de idéias, heterogêneas, multifacetadas e incompatíveis entre si ao aparentemente mundo caótico das fronteiras e à estrutura de seus discursos.

A malha de comunicação local-internacional das TF pode ser entendida como uma membrana que separa, recebe e transmite vibrações. Ela pretende expressar a auto-compreensão de uma sociedade mediada por sua relação a um Estado-nação e polarizada por uma lealdade cruzada claramente em dois níveis: o político, responsável por sua vinculação ao Brasil, e o cultural, compreendido pelo pertencimento histórico à conformação do espaço platino.

Discurso, identidade e polifonia

A mídia herdou o papel de agente constitutivo da identidade cultural. Em nosso *corpus* há um reperto que observa a atualização das funções deste agente em outras tarefas, embora muito orientadas por fins identitários. Temos assim a identidade como uma propriedade discursiva comum a qualquer voz, e não simplesmente como tema predicativo de uma programação, produto, promoção, pauta, etc. A identidade aparece nas distintas vozes em diferentes formulações, segundo a historicidade de suas respectivas formações discursivas.⁷

A investigação requisitou apreciar determinadas práticas midiáticas com vistas a desconstruir seu princípio, selecionando aquilo que acreditamos sejam os aspectos formais próprios de sua existência fronteiriça. Delimitamos, assim, seu tempo e espaço como aquele circunscrito a um sujeito discursivo avalizador de um *lugar de fala*, o qual permite considerar que os pressupostos requeridos para interpretação dos textos das indústrias culturais não se esgotam num contexto imediato (seja corporativo, cultural, político, etc.).

Perfila-se, portanto, a precedência da categoria de *polifonia*. José Luiz Fiorin (2002, p.62) destaca que o conceito de polifonia normalmente se relaciona à questão da heterogeneidade mostrada do discurso e suas marcas aparentes: “a questão da polifonia concerne ao fato de que diversas vozes se apresentam no interior de um discurso.”

Dominique Maingueneau (1997) ressalta que O. Ducrot considera que há polifonia quando se pode distinguir os enunciadores dos locutores. Os locutores seriam responsáveis por uma enunciação, enquanto aos enunciadores se poderia atribuir a autoria de uma voz, um ponto de vista.

Fiorin (2002, p. 62), ao tratar dos centros discursivos presentes num texto, atenta para a “existência pressuposta e hierarquizada de diferentes níveis de enunciação”, o que nos indica o aspecto da delegação de vozes. Relacionado a isto, ele aponta para a questão da responsabilidade pelos enunciados, um processo de reconhecimento da autoria na enunciação que, frente ao *corpus* estudado, permitiu-nos apontar a existência de quatro vozes: a fronteiriça, a da etnicidade, a de mercado e a missioneira. A

⁷ A metodologia concentrou-se na aplicação da MIA ao conjunto selecionado de peças. Os diversos procedimentos de análise buscaram alcançar o ponto de reconhecer como se procede, ao nível superficial e profundo, para produzir a atualização discursiva de diferentes representações. O enfoque metodológico centra-se no redimensionamento daquilo que denominamos Matriz Intertextual de Análise - MIA, publicada em Silveira (2003). Dotada de recursos baseados na análise de discurso, a MIA toma noções de Todorov (1982) e Greimas e Courtés (1979), dentre outros. Trata-se de uma proposta interdisciplinar que permite o estudo comparado de representações oriundas de diversos suportes e tecnologias de comunicação, usualmente trabalhadas por especialidades distintas (jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas, editoração, design, etc.).



existência de uma voz pressupõe a existência de outras que lhe supõem oposição, desenvolvendo atitudes positivas e mutuamente contestárias dentro da mesma sociedade.

No contexto de afirmação dos Estados nacionais do Cone Sul, as vozes que se alçaram como grandes representantes da sociedade de fronteira forjaram práticas e sua análise pressupõe categorias que instituem uma realidade servindo-se do poder de revelação e de construção exercido através da objetivação do discurso.

Estaria a malha de comunicação em condições de expressar a polifonia presente neste mundo de fronteiras? Seus discursos estão em condições de aproveitá-lo? Quais são as forças que se antepõem a uma vivência democrática?

Tomamos, portanto, o conjunto de discursos midiáticos expressáveis pela malha de comunicação presente nas TF como capaz de expressar uma variedade de vozes que necessita ser identificada.

Atentando ao propósito semiológico apontado por Milton Pinto (1999, p. 27) de explicar o porquê de “dentro de todos os textos passíveis de citação [...] só alguns dentre eles, bem determinados, são citados, recorrentemente, no texto produzido”, procedemos à identificação das *vozes* reconhecíveis enquanto formações discursivas.

O conceito de formação discursiva permite abarcar o espaço tempo e o sujeito discursivo demarcados.⁸ Dessa forma, “Uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, já que ela é constitutivamente ‘invadida’ por elementos provenientes de outros lugares (de outras formações discursivas) que nela se repetem, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais” (Pêcheux *apud* Charaudeau e Maingueneau, 2004, p. 241).

O discurso midiático, por sua vez, faz-se um *modus operandi* que procede conectando, relacionando, ligando discursos-outros advindos de diferentes formações discursivas que necessitam, por sua vez, de outros discursos para existir.

A propriedade do sujeito em Bakhtin (1982) provém de que este autor não encontra a palavra como sendo neutra na língua, isenta de usos prévios ou ainda

⁸ “O conceito de formação discursiva revisto por Pêcheux no final da década de 1970 está relacionado ao interdiscurso. O autor, inicialmente propunha que toda formação social implica na existência de posições políticas e ideológicas organizadas em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, aliança ou dominação (Haroche, Henry e Pêcheux, 1971). Isso significa que o sujeito é interpelado pela formação discursiva que o afeta, a qual, por sua vez, representa na linguagem a formação ideológica que lhe corresponde. Essas formações ideológicas incluiriam uma ou diversas formações discursivas correlacionadas, que determinam o que pode e o que deve ser dito a partir de uma determinada posição em uma determinada conjuntura”.

despovoada das vozes de outros. O outro a que Bakhtin se refere é uma condição do discurso, uma fronteira que marca no discurso a relação constitutiva com o outro.

As vozes das terras de fronteira sul-brasileiras

A importância de estudar as vozes provém da condição de que elas conservam a pluralidade de centros não reduzidos a um denominador ideológico comum e se concentram no labor de ser depositárias de diversas utopias. A voz étnica propende a manter atualizadas as promessas do “país da cocanha”, a fábula medieval que prometia abundância a custo de pouco trabalho aos servos da gleba. A voz missioneira pode ser anunciada pela “terra sem males” do projeto jesuítico”. A voz de mercado acude à promessa de um mundo onde o nível local tem plena vigência no cenário globalizado, fazendo-se enunciativa de relações de consumo. E a voz fronteiriça tem sua discursividade condizente com a ordem heterônoma determinada pelas políticas de consolidação das fronteiras dos Estados-nação do Cone Sul, mas cuja competência discursiva não se esgota neste aspecto, nem abre mão de sua variedade em termos de estratégias de comunicação.

O agenciamento de idéias, conceitos e imagens historicamente apropriados pelo fazer midiático indica uma orientação principal no trato da constituição identitária no sul do Brasil, definida por um padrão de discurso e protagonizado por uma certa voz, a fronteiriça. A noção de identidade desenvolvida pela voz fronteiriça assenta sua base principal no imaginário da formação dos Estados-nação do Cone Sul. Passando a sua descrição, temos que o discurso midiático que a expressa toma a identidade como uma construção consagrada, fechada, estabelecida, com significados firmados doutrinariamente. O Movimento Tradicionalista Gaúcho-MTG, juntos a seus militantes, foi um dos agentes que se encarregou, no decorrer do século XX, de destacar as autoridades abalizadas para falar de uma identidade que, desta forma, atua como um discurso fundador, dada sua condição de antecessora das demais vozes.

Assim, vários temas virtualmente convertidos em pautas recorrentes nos municípios da malha de comunicação das TF são perceptíveis em nossa análise. A reportagem sobre o peão bageense que acredita estar “no fim do mundo” depois da queda de um balão que voava em direção à Austrália; a recorrente auto-representação de São Sepé a partir de seu apócrifo santo indígena; Sant’Anna do Livramento e sua *Fronteira da Paz*, a tríplice fronteira na internacional Uruguaiana, a celebração do passado em Caçapava do Sul, o militarismo e a (rara) imagem da indústria em um jornal do Alegrete são alguns dos tantos temas que o jornalismo interiorano aborda.

A constatação da ausência de relações com os vizinhos países do Prata na mídia produzida na fronteira também é verificada em vários estudos sobre a mídia local (impressa, televisiva, radiofônica, *online*) em comunidades fronteiriças. Em que pese sua proximidade territorial de países vizinhos, a realidade destes não é trabalhada e o nível internacional revela a mútua exclusão representacional vigente na malha de comunicação das TF.⁹

Após havermo-nos detido naquela que se considera a voz mais vinculada ao estereótipo prevalente do gaúcho no Brasil, passamos à análise da discursividade vinculada à voz da etnicidade. Sua presença se justifica por vários fatores: contrariando a noção de polifonia, apresenta-se o monologismo, o qual tenderia a abarcar a inexorabilidade da ordem heteronômica no que toca as suas competências discursivas particulares.

Em que pese o multiculturalismo vigente, a afirmação étnica conhece especialmente a afirmação das origens alemã, italiana e polonesa. A mídia orienta o que podemos observar como o discurso da voz étnica. Esta voz faz ressoar sentidos estabilizados por uma ordem significante que foi pré-estabelecida pela voz fronteiriça. Os sentidos mobilizados por ela são os mais desconhecidos de todos os estudados em nosso *corpus*; o que se pode adiantar é que a voz da etnicidade tende a responder indiretamente ao discurso da voz fronteiriça, apontando para outros valores étnicos. Suas propriedades discursivas encontram-se em materiais simbólicos tão distintos como podem ser a promoção de um forte sotaque que soa a italiano ou alemão, ou mesmo a expressar-se em outros idiomas/dialetos, além de ostentar distintos repertórios lingüísticos. O movimento de seu discurso avança num multiculturalismo que ainda não se estabilizou.¹⁰ O sujeito que articula discursivamente o sentido desta voz é tímido em suas pretensões; pode valer-se da ideologia do trabalho, do protestantismo, do catolicismo romanizado ou, principalmente, do que o historiador Mario Maestri denomina de “martirólogo” da imigração: narrativas de esforço físico, trabalho e determinação de imigrantes pobres numa natureza exuberante e inóspita, mas que, paradoxalmente, foram os trabalhadores rurais melhor aquinhoados da história

⁹ A manutenção de enunciados que expressem a ocupação fronteiriça revela a presente preocupação e a condição de alerta que o sistema radiofônico desempenha na região.

¹⁰ Em suas representações há predominância da língua portuguesa, embora se registre a presença de várias outras línguas e/ou dialetos europeus, como o Vêneto Sul-Riograndense, e dialetos do Baixo Alemão. Mas é importante notar a ausência de expressão em Guarani, tanto como em árabe, cujas comunidades são expressivas na fronteira sul-brasileira.



brasileira, pois tiveram acesso à posse da terra num país cuja colonização se deu pela via do latifúndio.

A aparição da voz étnica na discursividade das mídias dá lugar a um jogo de perspectivas. Uma de suas propriedades mais fortes se apresenta na situação em que a articulação de sentido que propõe está marcada por impropriedades sintáticas estipuladas pelo uso corrente da língua portuguesa, deslocando as características de ícones consagrados das identidades culturais que lhe servem de raiz. Sua exótica aparição atesta que ela busca recuperar-se do apagamento simbólico que o discurso dominante impôs a grupos sociais de imigração recente. Ainda que sua materialidade seja pouco expressiva ou depreciada no cenário cultural e, especificamente, midiático, sua condição é claramente emergente. Seu principal efeito consiste em desnaturalizar a rede de sentidos institucionalizada pela voz fronteiriça dominante. Uma forte tendência discursiva presente na voz da etnicidade, a prosseguir no caminho proposto até o momento, é a de romper com a imaginária unidade de representação da identidade do gauchismo, perfilando-se como mais uma orientação do dizer identitário. Ela acusa a incompletude da identidade cultural sulina e recupera sentidos do multiculturalismo excluídos pela fixação do estereótipo do gaúcho.

A voz étnica evade da adscrição identitária simplista e solidária a apenas um estado-nação. Ela celebra justamente a possibilidade de uma dupla nacionalidade, um duplo sentido de pertencimento, enfrentando os desencontros e a perda da ilusão de plenitude prometida pela colonização do Novo Mundo.

Já a voz de mercado responde diretamente à determinação capitalista que orienta e limita certa produção discursiva das mídias. O sujeito que a articula discursivamente é mediador da necessidade de mercado e busca a persuasão com vistas a um efeito de consumo. Em sua produção discursiva, recorre-se a elementos consagrados e banalizados de objetivações da identidade cultural, manifestos especialmente pelo discurso fundador da voz fronteiriça. A voz de mercado atua, via de regra, procedendo à mera colagem de materiais reconhecidos como significantes próprios de uma “identidade gaúcha” já cristalizada, fruto de representações simplificadas e adaptadas às proposições mais diversas.

Os *folders* turísticos apelam para o que se considera ser as melhores características culturais do pampa gaúcho e seu passado histórico. Já as peças para o comércio de varejo adaptam-se a um repertório de representações desgastadas, mas de fácil absorção para consumo imediato anunciado pelo mercado publicitário. Sua análise



permite deduzir que a construção identitária nas TF, depois de conhecer o amplo apoio das indústrias culturais, encontra-se numa luta de forças entre o pertencimento a esta ou aquela corrente cultural e se ajusta à convivência do momento, sobressaindo-se a estratégia de re-territorialização de empresas multinacionais ao nível do espaço local através do apelo a suas tradições. Registre-se, também, que as minorias étnicas raras vezes encontram manifestação além no nível publicitário, o que é válido tanto para descendentes de europeus como de afro-brasileiros.

Por fim, a voz missioneira. Sua consciência é outra, alheia à ordem vigente, que se lhe defronta como outro sujeito. A voz missioneira tende a dissociar-se do caráter fronteiriço que impregnou o estereótipo do gaúcho e é detentora de uma discursividade que brilha por sua ausência quanto confrontada à condição fundadora daquela. E é nesse diálogo que uma e outra se constituem. À voz missioneira foi determinada a condição de não poder aparecer, não poder ser veiculada, visto que ela interpela diretamente os sentidos pretendidos pela voz fronteiriça, deslegitimando seus propósitos. O embate entre a discursividade da voz missioneira e a da voz fronteiriça demonstra que elas são antinômicas. A historicidade da voz missioneira, tendo sido apagada por aquela, propõe questões que abalam a segurança de certos efeitos de sentido consagrados pela ampla maioria das representações midiáticas dentro e fora do Estado gaúcho, questionando a transparência representacional de uma identidade particular e idiossincrática no contexto brasileiro e do Cone Sul. Ela também atesta o imaginário vinculado a uma geografia simbólica, conforme a qual o desenho dos limites de estados-nação poderia ser outro se outras fossem as circunstâncias e alianças do passado.

O concerto polifônico

Pela discursividade analisada avalia-se que os campos da política e da produção identitária são acontecimentos históricos que, de forma descontínua e exterior, são introjetados na atividade midiática segundo condições que lhe são específicas e orientados por correspondentes formações discursivas manifestadas nas vozes. A discursividade patente na mídia das TF aponta para uma heterogeneidade que não se deve somente à condição multicultural de sua sociedade. Assim, o sujeito de um discurso faz-se sujeito por aquilo que se entende ser sua correspondente representação identitária.

Observando-se o concerto polifônico e o movimento proposto por suas emissões, sobrevém a questão: qual é o jogo de interdiscurso da atualidade?

Depreende-se da análise realizada que a grande finalidade da malha local-internacional consiste em desenvolver uma competência capaz de produzir novas lógicas por assimilação predicativa, o que consistiria em: lutar contra a invisibilidade; buscar o mútuo (re) conhecimento, coordenando fatores heterogêneos como circunstâncias, projetos, motivos, cooperação, hostilidade, ajuda ou impedimento; estabelecer alguns pontos de pautas comuns tomando conjuntamente e integrando acontecimentos disparatados pela ordem do Estado-nação; transfigurar o mundo pré-configurado pelos Estados nacionais e alheio ao cotidiano da sociedade fronteiriça. Trata-se da organização de um grande encontro nas periferias da nação, um *concerto* protagonizado por agentes civis em resposta aos poderes políticos e militares do nacionalismo, no contexto de integração econômica ditado pela nova ordem globalizadora.

A mútua interpelação de vozes das diferentes formações discursivas das TF agora vigente aponta para um embate de forças vigoroso e inovador. Cada voz alerta para uma especificidade histórico-simbólica de sua formação. Enquanto a voz fronteiriça se debate no esgotamento de sua condição fundadora frente à crise do Estado-nação, as vozes étnica e missioneira se fortalecem e apresentam-se como alternativas de produção de sentido, as quais virão a orientar um novo agendamento e geração de discursos. A voz de mercado assume uma condição reflexiva, própria das características de muitos discursos midiáticos comprometidos com o espetáculo, o consumo e o entretenimento.

Em conformidade aos principais resultados levantados na pesquisa pôde-se constatar a existência de uma verticalidade, apontando para a questão da ordem heterônoma, a qual está plenamente expressa no discurso da voz fronteiriça. Elementos inerentes às competências desta voz atravessam as demais, dado que ela se constitui numa síntese passiva das posições do nacionalismo, assumindo-as radicalmente e de forma cada vez mais exacerbada nos estertores de sua crise.

A orientação verticalista também se faz presente na integração de veículos locais em redes de comunicação regionais e nacionais. Desta forma, ela veicula o discurso fundador das narrativas de fronteira, valendo-se do poder hegemônico da identidade gaúcha assim como está consagrada.

Essa orientação também foi constatada no discurso da voz étnica. Sua atuação joga no sentido de representar os interesses em curso no momento em que a globalização domina as pautas culturais e econômicas, re-acentuando o já disposto pela

voz fronteiriça, consagrando suas fórmulas, mas também concedendo legitimidade a manifestações multiculturais.

A voz étnica, com sua produção discursiva de caráter reflexivo atua buscando congrega as comunidades de descendentes europeus, não permitindo que sua herança cultural se desvança, mas mostrando-se, ao mesmo tempo, a ansiedade por manter vínculos com o horizonte da globalização. Pela discursividade manifesta, os efeitos de sentido se estabelecem na afirmação de um duplo pertencimento identitário (italo-brasileiros, germano-brasileiros). Ela é a principal força a atuar na ruptura do centro articulador do discurso nacionalista.

Um enigma, neste contexto, é a expressiva presença árabe. Sua presença na fronteira remonta ao final do século XIX, quando os mascates faziam a ligação comercial entre os distantes núcleos urbanos espalhados pelo pampa. Convertidos posteriormente na classe proprietária urbana mais poderosa (comércio e imóveis, especialmente), sua presença política é bastante tímida ainda e não confere com sua efetiva capacidade empreendedora. Suas conexões muçulmanas e palestinas apontam indiscutivelmente para o fenômeno da globalização. Após os eventos de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque as fronteiras gaúchas de Uruguaiana-*Paso de los Libres*, Sant'Anna do Livramento-*Rivera* e Barra do Chui-*Chuí*, junto à tríplice fronteira de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná com o Paraguai e a Argentina, converteram-se em pontos cruciais para as relações internacionais.¹¹

A força da discursividade da voz étnica parece provir de sua capacidade de arquear as fontes simbólicas requeridas ao exercício de práticas integracionistas do futuro. A voz missioneira é destaque quando se reivindica uma política de reequiparação da matriz aborígine, demandada em todo o Cone Sul. A voz étnica, especialmente a afro-brasileira, faz-se vigorosa quando se trata de fomentar o multiculturalismo detratado no passado. É assim que a voz étnica e a voz missioneira coincidem ao recuperar a validade de manifestações identitárias historicamente constringidas no espaço local.

¹¹ Os queixosos prefeitos e outros políticos destes municípios bem sabem os inconvenientes tanto para si, como para seus eleitores, do fomento deste estereótipo. O prefeito de Chuí, por exemplo, poucos dias depois do atentado às torres do *World Trade Center* comparecia às telas da televisão brasileira declarando a inexistência de relações suas com o pretenso primo Osama Bin Laden. Sua ascendência libanesa chamou a atenção tanto da Polícia Federal brasileira como dos agentes uruguaios. Quase dois anos depois, a imprensa internacional revela que também era plano dos Estados Unidos atacar a tríplice fronteira brasileira no lugar de empreender a busca por esta que se considerou a grande liderança do ataque de 11 de setembro de 2002 lá no Afeganistão.

O discurso publicitário da voz de mercado vem a alinhar-se no mesmo sentido verticalista da voz fronteiriça, utilizando-se dos clichês identitários e constituindo-se num dos principais produtores de conteúdos estereotipados da indústria cultural. Esta prática apresenta-se pertinente ao adequar a persuasão da comunicação publicitária ao nível local, favorecendo a re-territorialização de grandes redes de lojas de eletro-eletônicos, móveis, empresas de telefonia celular, etc.

No Quadro 1 a seguir, elencamos algumas referências sobre como se dá o reconhecimento de identidade e autoria discursiva:

Quadro 1

ENUNCIADORES	ENUNCIATÁRIOS (DELEGADORES DO DISCURSO)	RESPONSABILIDADE DOS ENUNCIADOS
VOZ FRONTEIRIÇA	MTG, CTGs, autoridades	mídia local, cancionero popular, mídia hegemônica
VOZ ÉTNICA	descendentes de imigrantes europeus, estados-nação, universidades, empresas transnacionais	mídia local
VOZ MISSIONEIRA	aborígenes, descendentes e/ou habitantes do território Missioneiro	cancioneiro popular, mídia local, folders turísticos
VOZ DE MERCADO	comércio varejista, bancos, empresas de telecomunicações e de máquinas e implementos agrícolas	publicidade da mídia local e da mídia hegemônica

As vozes expressam a autonomia, a independência e a pluralidade de mundos insurgentes nos espaços fronteiriços que, frente à autoridade de vários estados-nação, enfrentam um embate por vezes apaixonado contra a alienação da servidão nacionalista, destruidora da noção de comunidade e múltiplos pertencimentos de uma sociedade multicultural.

Conforme a diferença ressaltada por Bakhtin, consideramos que a polifonia de um mundo fronteiriço evidencia que sua discursividade é, muitas vezes, dialética e mesmo antinômica, pois suas relações lógicas permanecem dentro dos limites de consciências isoladas, não demonstrando um domínio das relações entre os acontecimentos. É dentro dos limites de tais consciências isoladas que as séries dialéticas ou antinômicas representam apenas um momento abstrato, indissolúvelmente conectado a outros pertencentes a uma consciência total e concreta, a qual concederia a pretendida unidade à malha de comunicação local-internacional.

A discursividade patente nas práticas midiáticas estudadas demonstra que as populações fronteiriças do sul do Brasil, por um século enfrentando a estagnação econômica e já “acostumadas a dividir suas misérias”, como dizem ao aludir à flutuação



cambial que ora favorece ao Brasil, ora ao Uruguai ou à Argentina, demandam soluções de desenvolvimento que devem ser pensadas a partir do espaço local. Essas soluções são entendidas como processos que devem conceder certa estabilidade à região e um projeto de desenvolvimento que não contemple apenas os interesses associados às capitais políticas e centros econômicos, mas que atenda às sociedades que vivem o cotidiano da integração proposta nos grandes acordos diplomáticos. O reconhecimento de uma nova condição pós-moderna há muito é reclamada por essa sociedade que alcançou maturidade para expressar que o custo da integridade territorial de uma nação não pode ser uma fatura reembolsada pelas populações fronteiriças. Elas também alegam que a sociedade nacional ainda relega às atuais margens periféricas os constrangimentos já sofridos, noticiando-a por acontecimentos estritamente vinculados ao contrabando, à criminalidade e ao desvio social.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoría y estética de la novela*. Madri: Taurus, 1989.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004
- COURTINE, J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. Org.. São Paulo: Claraluz, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências na análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.
- PINTO, M. J. *Comunicação e discurso*. Introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.
- SILVEIRA, A. C. M. da. *O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- TODOROV, T. *Simbolismo e interpretación*. Caracas: Monte Ávila, 1982.